



museu da imigração
do estado de são paulo

ALGUNS MÚSICOS MIGRANTES PARA CONHECER



Fotos: Paulo Rapoport (Pedro),
Raphael Criscuolo (Fanta) e Rose
Satiko Gitirana Hikiji (Tyno)



museu da imigração
do estado de são paulo

Núcleo Educativo do Museu da Imigração:

Coordenação:

Patrícia Marchesoni Quilici

Educadores:

Alexandre Cardoso Santos

Gabriela dos Santos

Guilherme Ramalho dos Santos

Isabela de Vita Jaha

Julia Harumi Haji

Raquel Aparecida de Freitas

Renata Aparecida Antunes

Ricardo Lima Araújo

Victor Sales Carrinho

Concepção do material:

Gabriela dos Santos

Julia Harumi Haji



Você já ouviu falar sobre diásporas?

Diáspora, por definição lexical, pode ser entendida como "dispersão". O artista e estudioso Nei Lopes¹, em “Enciclopédia brasileira da diáspora africana”, ao tentar delimitar sua compreensão de “diáspora”, destaca o sentido do termo para, além de um deslocamento territorial, “(...) os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram” (LOPES, 2011, p. 492). Constitui-se tarefa difícil, no entanto, compreender a magnitude e a complexidade de culturas diaspóricas, primeiramente, pois a ideia de “cultura” é tão frequentemente associada ao essencial, primordial e ininterrupto; e segundo, porque por entre a diáspora, há infinitas e interessantes dinâmicas, como os diálogos entre as referências culturais do local de origem e as do destino e a construção de comunidades, “famílias ampliadas” e redes de atuação cultural².



¹ LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2011.

² HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pp. 26-28.



Levando isto em conta, o Educativo do Museu da Imigração apresenta, neste material, o trabalho de alguns músicos migrantes do continente africano e da América Latina, com trajetórias, trabalhos e atuações distintas, a fim de apreciarmos e discutirmos os modos pelos quais suas experiências migratórias influenciam (ou não) suas produções. A principal intenção é abrir espaço para conversas entre professores, educadores, estudantes e demais interessados para pensarmos o lugar da cultura como encruzilhada de rotas e identidades múltiplas, cada uma delas com suas especificidades, elos e rupturas.

É importante enfatizar que a opção pelo formato de entrevista traz os depoimentos dos artistas em primeira pessoa (sem traduções ou interpretações), diminuindo possíveis atravessamentos, assim como suas próprias escolhas das músicas sobre as quais gostariam de comentar. A seguir, você conhecerá um pouco de suas histórias, trabalho e arte.

FANTA KONATÊ

MINIBIOGRAFIA

Fanta Konatê é filha do Mestre do Tambor Djembê, Famoudou Konatê, da Guiné Conacri. Aprendeu Dança e Música como uma essência vital, dentro de sua cultura e família, herdeira do Mandén (Império do Mali, séc. XIII). Ela conheceu o músico brasileiro Luis Kinugawa, na Guiné, em 2000, casaram-se e trabalharam em ONGs humanitárias e indo a aldeias da Alta Guiné (região do Rio Níger). O casal chega ao Brasil em 2002 e Fanta Konatê inicia sua carreira internacional, apresentando-se em 7 países. Realizam shows e oficinas em mais de 100 cidades brasileiras e, juntos, fundaram o Instituto África Viva (2006), no qual desenvolvem projetos culturais, humanitários, educacionais, ambientais e sociais, além de produzirem roupas, alimentos e instrumentos da África Oeste. Seu trabalho recebeu o Prêmio Luiza Mahin, e também cantou na trilha de abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro. Estão construindo uma sede da África Viva na Guiné (campanha de *crowdfunding* www.africaviva.org.br) e pretendem iniciar o projeto de Agrofloresta e Permacultura para a produção de alimentos.



Foto: Ricardo Camargo

ENTREVISTA

1. Quais fatores a levaram a migrar? Por que o Brasil?

O Amor!!! Casei com um brasileiro e vivemos 2 anos no meu país. Em Dezembro de 2002 cheguei no Brasil e tive que me adaptar pois ninguém fala francês aqui.

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Família, Festas, culinária e o apoio e alegria do meu povo.

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

Muita gente junta, muito prédio, me deu medo. Racismo e falta de respeito, as pessoas não tem muita consideração pela arte ancestral, a cultura verdadeira.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Sim, meu pai é um Mestre Percussionista conhecido no mundo inteiro, e toda minha família é de artistas. Eu aprendi a cultura tradicional dentro da minha família e também a cultura contemporânea dos Balés de Conacri. Teve uma época que eu estava em 4 balés ao mesmo tempo, pois queria muito aprender os ritmos, danças e cantos das outras etnias do meu país. Eu era bem jovem e gravei um dos primeiros discos do meu pai, que hoje tem mais de 7 discos lançados.



Foto: Ricardo Camargo

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Sim pois vejo que é preciso apresentar ao Brasil a África Verdadeira, a cultura maravilhosa que foi preservada pelo meu povo. Na televisão só mostram guerra e fome, pobreza e tristeza na África, mas posso dizer que quase todos os países do mundo tem gente morando na rua e passando dificuldades. A África tem valores sociais e humanos que foram preservados até hoje, e a arte é uma das responsáveis por essa preservação. Os ensinamentos estão nas letras das músicas ancestrais, então, quem conhece a ancestralidade vê um jeito de trazer essa sabedoria para os dias atuais. Eu componho as minhas músicas na minha língua (Malinkê) e trago essa ancestralidade para os dias de hoje, seguindo a tradição de aconselhar as novas gerações e promover a paz, a alegria, a união entre as pessoas e os povos. Eu também misturei ritmos afins, do Brasil e da Guiné, em algumas músicas dos meus discos pois ali dá pra perceber essa relação entre o ancestral e o atual.

6. Suas experiências e processos migratórios influenciam nas escolhas conceituais e técnicas de suas composições? Há ritmos e/ou instrumentos que você entrou em contato no Brasil que passaram a compor sua produção?

Sim, eu também viajei por alguns países, Japão, Suécia, EUA, Chile, Argentina, Polônia, Alemanha, França então falo muito do que diz respeito ao ser humano, ao que é simples e acaba sendo tão complicado, que é viver bem. Na questão dos ritmos identifiquei alguns do Brasil que são parecidos com o que temos na Guiné, como Samba e Djole, então eu coloquei no meu repertório e faço uma menção, como homenagem ao Canto das 3 Raças. Eu também desenvolvi a música da Guiné colocando harmonia e sopros, então temos guitarra, violão, saxofone juntos com a percussão tradicional.

7. Você poderia escolher uma composição sua e comentar um pouco sobre o que representa e seu processo de criação?

Vou dar o exemplo da Música “Milé” do disco de 2018, que foi feita assim. Meu marido que é o diretor musical começou a fazer uma base no violão, e quando eu escutei a letra da música foi sendo criada imediatamente na minha alma. Comecei a cantar uma estrofe, depois veio outra e outra parte. (continua na próxima página)

FANTA KONATE



Foto: Fabio Guerra

A maioria das músicas “vem” assim, diretamente, ela se apresenta e eu vou cantando e ajustando. Essa música fala de pessoas materialistas que deixam os valores humanos em segundo plano, e a letra aconselha a fortalecer os laços de amizade, cantar, dançar juntos, celebrar pois senão todo mundo fica sozinho e triste, com suas matérias e “riquezas”. A riqueza verdadeira está nas pessoas e não no que elas possuem.

PARA CONHECER MAIS:



@canalafricaviva

@fanta_konate

@konateyaa



/cafricaviva

/fantakonate

TYNO VAL

MINIBIOGRAFIA

Valentin ablam VINAKUI, conhecido como Tyno Val, é compositor, cantor e multi-instrumentista do Togo, oeste da África. Nascido e crescido em Vogon, (1989) em uma família de cantores religiosos, teve seus primeiros contatos com instrumentos de cordas fabricando seus próprios *NGONI* com latas de tomate e fios de cabo de freio de bicicleta. Tyno passou sua adolescência em Lomé, capital do país, onde estudou poesia, Letras e Filosofia; período também marcado pela morte de seus pais (2005). Inspirado pelas artes de Salif Keita, músico de Mali, Tyno idealizava uma carreira musical, a contragosto de sua família. Inscreve-se sozinho em uma escola particular de Artes de Lomé Sul (2005), na qual aprende a tocar violão e tambores rítmicos. Em 2014, migra para o Brasil, Após passar anos trabalhando como pintor e cabineiro de automóveis, e tocando em bares, Sescs e eventos em São Paulo, Tyno tem a oportunidade de gravar seu primeiro EP, “Nostalgia”, que ainda está em andamento lento devido a problemas encontrados no segundo país.



Foto: Rose Satiko Gitirana Hikiji

ENTREVISTA

1. Quais fatores a levaram a migrar? Por que o Brasil?

Eu tive essa decisão de migrar à procura de um lugar no mundo onde eu possa me expressar através minhas composições... sem ter que lidar com opiniões de caminhos de vida a seguir coisa que geralmente acontece lá... E eu acabei escolhendo o Brasil porque Brasil é um país em que a cultura não é muito diferente da cultura do meu país ...

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Hoje eu posso dizer que eu sinto mais falta é da família os familiares...

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

Ao chegar aqui tem coisas sim que eu achei estranho por exemplo um eterno conflito racial, Nível alto de violência, Alta desigualdade, ect...

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

No meu país eu ja fazia composição de poesia já trabalhava com música tocar no bares , igreja ect... mas só no Brasil que eu cheguei a pensar em gravações de obra autoral e sonhar com shows que podem mudar minha vida.

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

O contexto migratório influencia sim de duas maneiras uma produtiva tipo : fora do meu país eu aprendi muitas coisas sobre a vida como ela é passei situações que de uma forma me dam assunto para compor sobre a vida ...

De outro lado isso atrapalha também no sentido em que eu sei que eu tenho talento potencial produtivo mas eu não sei muito como procurar espaços para mostrar o meu trabalho;quais portas tem que bater para poder aparecer ;uma produção que depende do bolso do próprio artista , em um país de alguma forma difícil de se estabilizar e se manter mesmo trabalhando em outras áreas...



Foto: Daniel Camiranga

6. Suas experiências e processos migratórios influenciam nas escolhas conceituais e técnicas de suas composições? Há ritmos e/ou instrumentos que você entrou em contato no Brasil que passaram a compor sua produção?

Sim o facto de morar no Brasil influenciou muito no ritmo de algumas músicas minhas por exemplo (história-tyno val)

Que tem uma levada meia samba meia pop tudo isso vem dess mistura de vivência do dia dia; nos instrumentos não muito...

7. Você poderia escolher uma composição sua e comentar um pouco sobre o que representa e seu processo de criação?

Sobre a última pergunta a música #historia

É para mim como uma resposta a ums das perguntas que o migrante encontra quase todo dia que é “o porque de sair de lá “

e é uma música que fala sobre a história dos avós e alguns frutos positivos que a escravidão deu para a culinária brasileira... e alguns instrumentos que são de origem africana...

PARA CONHECER MAIS:



@tynoval019



<https://youtube.com/@tynoval4685>

PEDRO BANDERA

MINIBIOGRAFIA

Pedro Bandera é músico e gestor cultural cubano e expert em Marketing Digital (certificado pela META). Como percussionista, já acompanhou: Marina de la Riva, Tássia Reis, Dona Inah, Orquestra Cesária Évora in Memoria (Cabo Verde), Vox Sambou (Haiti/Canadá), Hypnotic Brass Ensemble (USA). Atualmente, é músico da Banda Alafia e diretor do grupo Batanga & Cia. Com a Difusora Cultural Havana6463, já realizou: Festival Dia Da Cultura Cubana em São Paulo, Havana na SIM, Carnaval Havanero de São Paulo, Turnê da Banda Brasileira “Sepultura” em Cuba (Havana/Santa Clara), Turnê do Balé Folclórico de Cuba, “Yoruba Andabo” (São Paulo – Belo Horizonte) e Turnê Harold Lopez Nussa – Jazz, na Fábrica / Sesc Pompéia. Já em trilhas sonoras, já participou de: O Menino que Descobriu o Vento (Netflix), Histórias Afro – Atlânticas (Balé da Cidade), Armada ao outro lado do Descobrimento, Dois Irmãos (TV Globo) e Documentário Marias.



Foto: Paulo Rapoport

ENTREVISTA

1. Quais fatores a levaram a migrar? Por que o Brasil?

Na verdade, não vim ao Brasil com objetivo migratório e sim acadêmico, durante esse tempo a situação sócio-político-econômica do meu país, (que já não era boa) se agravou, o que me fez então pensar de maneira mais seria sobre ficar.

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Da minha família, dos amigos, do cheiro do mar, das ruas e da cultura havanera.

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

A desigualdade extrema.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Sempre tive ligação com o mundo das artes, em Cuba nos anos 90s introduz o birimbao na música alternativa da ilha, já experimentava com outros sons, procurava diferenciar meu trabalho como percussionista, o que me levou a trabalhar com vários artistas e realizar turnets pela Europa e América Latina.



Foto: Renato Nascimento

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Totalmente, primeiro porque o fato de ser músico imigrante limita meu (nossos) trabalho, somente somos chamados, o Dia da Africa, o Dia da Mulher Afro Latina, datas significativas, com baixos valores e más estruturas, não existem politicas públicas culturais que nos contemplem enquanto somos partes de projetos artísticos musicais integrados por Brasilexs e vemos como o tratamento é outro.

No lado artístico, com Batanga & Cia, propomos mostrar a relação entre os elementos da música afro-brasileira e afro cubana.

6. Suas experiências e processos migratórios influenciam nas escolhas conceituais e técnicas de suas composições? Há ritmos e/ou instrumentos que você entrou em contato no Brasil que passaram a compor sua produção?

Já desde Cuba experimentava com ritmos e instrumentos brasileiros, existem princípios instrumentais similares, rítmicas diferentes, tentemos aproveitar isso para nosso trabalho, vejo ele como um laboratório, mas tenho trabalhado bastante com o pandeiro integrado a percussão cubana.

7. Você poderia escolher uma composição sua e comentar um pouco sobre o que representa e seu processo de criação?

Música: “Te lo Dira la Noche”

Em Cuba “El Ijessa” é um dos ritmos mais tocados nos tambores Bata nas celebrações da Santeria e no Brasil ganhou destaque pelo bloco Afro de Salvador de Bahia “Filhos de Gandi”.

A música aposta na utilização de elementos rítmicos e musicais afro latino-americanos, como tambores Batá, ritmo songo, de Cuba, samba, pagode e toque de ijexá do Brasil.

Para a realização deste trabalho foram convidados músicos do Aláfia, agrupação paulistana, – que tem nos cultos de matriz africana a maior inspiração para o seu trabalho – o compositor e pesquisador musical Eduardo Brechó para a produção musical e percussão, e Igor Damião na guitarra elétrica e na voz como convidada especial uma das cantoras da banda: Estela Paixão.

PARA CONHECER MAIS:



@batanga&cia

@alafiaoficial



www.havana6463.com.br (Difusora Cultura Havana6463)

Nós, do núcleo Educativo do Museu da Imigração, esperamos que esse material tenha sido proveitoso para você, no sentido de ampliar o repertório em relação à produção artística feita por artistas migrantes e às diversas questões suscitadas por seus trabalhos e experiências de vida. Procuramos uma diversidade de nacionalidades, vivências e linguagens artísticas, tendo como intuito principal dar visibilidade à vida e obra destes e destas artistas. Agradecemos a generosidade dos e das artistas que nos cederam as entrevistas e nos autorizaram a reprodução de suas obras com a esperança de que a arte torne-se cada vez mais plural e que possamos cultivar uma visão sobre as questões migratórias do ponto de vista dos direitos humanos. Até a próxima!





museu da imigração
do estado de são paulo

Museu da Imigração

Rua Visconde de Parnaíba, 1.316, Mooca – São Paulo/SP

(11) 2692-1866 | museudaimigracao@museudaimigracao.org.br

Horário de funcionamento: de terça a sábado, das 9h às 18h e aos domingos das 10h às 18h (Fechamento da bilheteria às 17h).